



# ELIZA E OS SEUS MONSTROS

FRANCESCA ZAPPIA

SECRET  
SOCIETY



**E**liza Mirk é o tipo de nome que se dá à miúda assustadora que não larga o ex-namorado semanas após ele a ter deixado, por se recusar a aceitar que ele a odeia de morte. Eliza Mirk é uma vilã menor com um esconderijo secreto nos esgotos. Eliza Mirk pertence a um livro de banda desenhada.

Só que a Eliza Mirk sou eu. Não creio que seja desesperada ou iludida o suficiente para me agarrar a um ex-namorado depois de ele ter acabado comigo, não me aproximaria nem por nada de um esgoto e, infelizmente, não vivo num livro de banda desenhada. No entanto, levo uma espécie de vida de banda desenhada, acho eu.

Durante o dia vou à escola; e, à noite, dou largas à minha identidade secreta para me tornar LadyConstellation, criadora de um dos webcomics mais populares da internet,



*O Mar Monstruoso*, e mãe destemida de um fandom. O meu superpoder é a capacidade de desenhar durante horas sem me dar conta da passagem do tempo ou de que preciso de comer. Consigo desaparecer no meu disfarce e sou excelente a dar nas vistas na minha forma verdadeira.

Porquê LadyConstellation, perguntam vocês?

Porque, respondo, a minha cultura preferida em *O Mar Monstruoso* é a de um povo que tem estrelas no sangue. Esse povo — os Noturnianos — mapeia as estrelas por instinto. É o seu chamamento na vida. É o que eles sentem que devem fazer, assim como eu sinto que devo contar a história deles.

LadyConstellation é quem mapeia esta história, traçando linhas entre enredos, personagens e locais como os Noturnianos traçam ligações entre as estrelas. É destemida, como os Noturnianos; é misteriosa e distante, como os Noturnianos; e, como os Noturnianos, acredita no misticismo, no sobrenatural e no desconhecido.

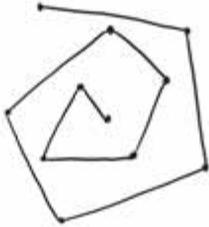
A LadyConstellation é a heroína que derrota a Eliza Mirk uma vez por semana e celebra com os seus imensos fãs adoradores. É amada por todos, até mesmo pelo vilão, pois sem ela o vilão não existiria.

Eu sou a LadyConstellation.

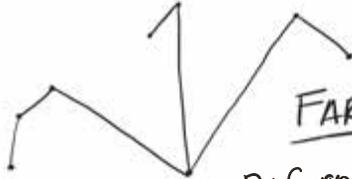
Sou também a Eliza Mirk.

É este o paradoxo que nunca poderá ser resolvido.

# CONSTELAÇÕES NOTURNIANAS



Constelação de Amity ???  
não-noturniana



FAREN

o Rei Corvo /  
o primeiro noturniano



REIRAL

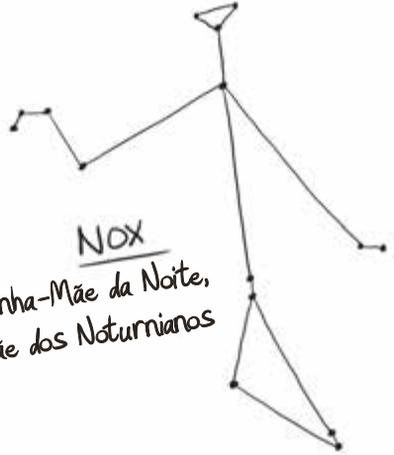
o Rochedo Submerso,  
a Falésia das Almas



esta estrela  
também se  
chama Lucis

LUCIS

a Falésia das Almas



NOX

Rainha-Mãe da Noite,  
Mãe dos Noturnianos



BYRAL

O Bico,  
o ladrão que rouba  
a Luz da Vida  
da mão de Nox.



GYURHEI

Devorador da Luz  
(Emerge do mar a cada  
mil anos para engolir o sol)

[Masterminds](#) :: [Submind](#) :: [Webcomics](#)

## A MELHOR COISA QUE VÃO LER HOJE

*Publicado às 10h46, a 19-02-2014 por [Apocalypse\\_Cow](#)*

cliquem aqui. leiam isto. agradeçam-me depois.

[marmonstruoso.com](http://marmonstruoso.com)

+503 830/-453 | 2 446 873 [Comentários](#) | [Responder](#) | [Denunciar](#)



O post de origem está aberto no meu computador quando me arrasto até ele de manhã. Durante a noite, apareceram mais 300 comentários. Já não sei o que dizem — não os leio há meses. Sei que alguns são de fãs. Muitos são de trolls. Não olho para a publicação por causa dos comentários. Olho porque é a minha recordação diária de que tudo isto — toda a minha vida — é algo real.

O meu começo está marcado na história.

Ajeito o cabelo emaranhado, bocejo e esfrego o sono dos olhos. Quando pestanejo, a publicação continua ali, instalada alegremente junto ao topo do subfórum Masterminds para webcomics. Seria de pensar que, após dois anos, já tivesse descido de posição. Mas não.

Fecho o browser antes que traia as minhas próprias regras. Não leio comentários. Os comentários são explosivos



para as paredes mentais e, neste momento, preciso que essas paredes estejam erguidas. Abro o Photoshop para encontrar o ficheiro no qual estava a trabalhar na noite anterior, uma página de *O Mar Monstruoso* por terminar. A parte do desenho está completa. Tinha começado com as cores mas não acabei, e ainda tenho de adicionar o texto. Ainda assim, vou adiantada. Esta vai ser uma semana de capítulo inteiro. O meu mínimo para cada semana costuma ser uma página; normalmente, consigo uma média de três. Tenho sempre algo para publicar.

Passo os olhos pela página de banda desenhada, saltando de vinheta em vinheta, verificando as personagens e as configurações. Disponho o resto das cores na minha mente, depois as fontes de luz e as sombras. O texto. O fluxo da ação parece bom, mas na vinheta do fundo voltei a desenhar o nariz da Amity demasiado estreito. Nota-se sempre nos planos aproximados do rosto dela, e é sempre o nariz. Vou ter de corrigi-lo mais tarde. Agora não tenho tempo.

Como se concordasse comigo, o meu despertador toca e eu dou um salto. Mesmo quando sei que está para vir, mesmo quando estou a olhar fixamente para ele, arrasto-me até ao lado oposto do quarto para carregar no botão antes que acorde o Church e o Sully no quarto ao lado. Os parvos dos putos do ensino básico podem dormir mais meia hora e acham-se uns reis.



Quando desço, a minha mãe já tem dois ovos cozidos e um copo de sumo de laranja natural à minha espera. Não sei quando é que cozeu aqueles ovos. Certamente não o fez ontem à noite, e ainda é de madrugada. Ela está sentada ao balcão da ilha de cozinha, de fato de treino e rabo de cavalo saltitante, a ler um artigo qualquer sobre vida saudável no tablet. Tem alguns fios de cabelo desalinhados e, do fundo do corredor, ouve-se o chapinhar de água no duche. Ela e o meu pai já voltaram da sua corrida matinal. Que horror.

— Bom dia, querida! — Sei que ela deve estar a falar num volume normal nalgum universo, mas não é neste. — Fiz-te o pequeno-almoço. Sentes-te bem? Estás com um tom um pouco acinzentado.

Solto um grunhido. As manhãs são a hora do diabo. E a mãe já me disse que «estou com um tom acinzentado» pelo menos uma vez por semana no último ano. Deixo-me cair para cima do banco da ilha em frente aos ovos e ao sumo e começo a comer. Talvez devesse experimentar café. O café podia ajudar. Também podia fazer-me ter episódios de depressão.

Vejo o exemplar do jornal *Westcliff Star* debaixo do cotovelo da minha mãe. Puxo-o e viro-o. Na manchete da primeira página lê-se «TRIBUTOS NA CURVA DE WELLHOUSE». Por baixo, uma fotografia da curva acentuada na estrada depois da Wellhouse Bridge, onde coroas de flores, fitas e brinquedos decoram o chão. Eis o típico jornal diário do Indiana: não há notícias, por isso enchem as páginas com o aviso de que a Curva de Wellhouse mata mais pessoas por ano do que os grandes tubarões brancos. Também típico

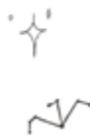
dos jornais do Indiana: comparar uma curva na estrada a um tubarão.

Acabo de comer o primeiro ovo. O meu pai sai do corredor das traseiras a cheirar a pastilha elástica de mentol e a usar um fato de treino ligeiramente diferente do que veste quando sai com a mãe, o que significa que aquela vai ser a sua roupa de trabalho para o dia.

— Bom dia, Ovos! — Para atrás de mim, pousa as mãos nos meus ombros e debruça-se para me beijar o alto da cabeça. Deixo escapar um grunhido à menção daquela alcunha e enfio um pedaço de ovo na boca. Um paraíso bem cozido. — Dormiste bem?

Encolho os ombros. É pedir muito que não falem comigo logo de manhã? Só tenho energia suficiente na boca para comer ovos deliciosos; não sobra mais para formar palavras. Já para não falar que, daqui a vinte minutos, tenho de entrar no meu carro para ir para a escola durante sete horas, onde tenho a certeza de que irá haver paleio suficiente, quer eu queira, quer não.

A minha mãe distrai o meu pai com o seu artigo sobre vida saudável, que aparentemente fala dos benefícios do ciclismo. Desligo da conversa deles. Leio que o condutor do autocarro da banda da escola secundária de Westcliff adormeceu ao volante e se despistou na Curva de Wellhouse no verão passado, quando regressavam do campeonato regional. Mastigo. Antes disso, foi um tipo que ia de carro com o filho, no inverno. Bebo sumo. E antes disso, uma mulher ao levar os dois filhos para a creche bem cedo pela manhã. Volto a mastigar. Um grupo de adolescentes embriagados. Acabo o ovo. Uma rapariga que seguia sozinha



e que apanhou o pedaço errado de gelo negro. Acabo o sumo. Deviam pôr uma barreira para impedir que as pessoas voassem da curva pela colina abaixo até ao rio, mas não. Sem a Curva de Wellhouse, não haveria notícias.

— Não te esqueças de que os teus irmãos têm o primeiro jogo de futebol deles logo à tarde — diz a minha mãe quando salto do banco e levo o prato e o copo até à bancada. — Estão mesmo animados e temos de estar lá todos para os apoiar. OK?

Odeio quando ela diz «OK?» daquela maneira. Como se esperasse que eu me zangasse com ela antes de as palavras acabarem de lhe sair da boca. Sempre preparada para uma luta.

— Sim — respondo. Não consigo dizer mais nada. Volto ao meu quarto no andar de cima para ir buscar a mochila, o bloco de desenho e os sapatos. Dou uns quantos saltos para tentar fazer com que o sangue suba até ao cérebro. Ovos comidos. Energia em alta. Preparada para a batalha.

Resisto à tentação de voltar ao computador, abrir o browser e ver os fóruns de *O Mar Monstruoso*. Não leio comentários nem vejo os fóruns antes de sair para a escola. Aquele computador é a minha toca de coelho; a internet é o meu país das maravilhas.

Só posso cair lá dentro se não fizer diferença que me perca.



A Amity teve dois dias de nascimento. O primeiro foi como o de qualquer outra pessoa, e ela não se recorda dele. Não perdia muito tempo a remoer o facto de não se recordar, pois aprendera anos antes que não se ganhava nada em remoer as coisas. Do segundo nascimento — ou renascimento, dependendo da disposição dela — recordava-se com bastante clareza e julgava que se recordaria para o resto da vida.

O segundo nascimento foi no dia em que o Vigilante a tomou como hospedeira.







**T**em havido quem chame um fenómeno a *O Mar Monstruoso*. Uns artigos, aqui e ali. Uns quantos críticos. Os fãs.

Não posso chamar-lhe isso, pois fui eu quem o criou. É a minha história — com que me preocupo mais do que com qualquer outra coisa e que outras pessoas parecem apreciar —, mas não posso chamar-lhe fenómeno, pois isso seria pretensioso e narcisista e, para ser honesta, dá-me náuseas pensar nela dessa forma.

É estranho ficar nauseada com o reconhecimento dos outros?

Há muitas coisas em *O Mar Monstruoso* que me dão náuseas.

A história é, ao mesmo tempo, muito fácil e muito difícil de explicar. Nunca tentei fazê-lo pessoalmente, mas imagino que, se o fizesse, acabaria a vomitar nos sapatos de alguém.



Explicar algo online é tão fácil quanto colar um link e dizer: «Tomem, leiam isto.» As pessoas clicam. Leem a página da introdução. Se gostarem, continuam a ler. Se não gostarem, bem, pelo menos não tive de falar.

Se tivesse de explicar a história sem a referência bastante útil da própria história, imagino que soaria a algo parecido com isto:

«No planeta distante de Orcus, uma rapariga e um rapaz lutam em lados opostos de uma longa guerra entre nativos e colonizadores vindos da Terra. A rapariga e o rapaz são hospedeiros de criaturas parasitas de energia cuja única fraqueza é, respetivamente, um e o outro. Há muito mar, e há monstros nesse mar. Acontecem coisas. As cores são bonitas.»

Há uma razão para eu me dedicar ao desenho e não à escrita.

Comecei a publicar *O Mar Monstruoso* há três anos, mas a coisa explodiu quando a publicação original apareceu no site Masterminds. As pessoas viram-na mesmo. Começaram a ler.

*Interessaram-se.*

Isso foi o mais estranho. Outras pessoas, que não eu, interessadas. Queriam saber da Amity e do Damien e do destino de Orcus. Queriam saber se as espécies de monstros marinhos tinham nomes. Importavam-se se eu publicava as páginas a tempo e se tinham bom aspeto. Até se importavam comigo, com quem eu era, embora não soubessem nada para além do meu nome de utilizador. Os fãs não sabiam, os trolls não sabiam, os artigos e críticos não sabiam. Talvez o anonimato do criador a tornasse um fenómeno maior. O facto é que me impedia de ficar demasiado nauseada para trabalhar.

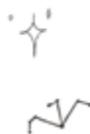
Recebo e-mails de agentes e editores sobre publicar *O Mar Monstruoso* em papel, mas apago-os logo; o mundo editorial tradicional é uma coisa enorme e aterradora que tenho de afastar com um pau de vez em quando para não ficar assoberbada com a ideia de uma máquina empresarial a manusear o meu bebé.

Não fiz *O Mar Monstruoso* para ser um fenómeno, fi-lo porque era a história que eu queria. Faço-o agora porque há algo dentro de mim, prensado em volta do meu coração, que diz que devo fazê-lo. Foi para criar isto que fui posta na Terra, para mim e para os meus fãs. Esta história. Isto é meu, e é meu dever trazê-lo ao mundo.

Isso faz-me soar pretensiosa?

Não me importa.

É a verdade.



## FÓRUNS O MAR MONSTRUOSO

---

PERFIL DO UTILIZADOR

**LadyConstellation \*\***

*Admin*



**IDADE:** 00

**LOCALIZAÇÃO:** Ilha Noturna

**INTERESSES:** Montar monstros marinhos, mapear estrelas, explorar palácios mecânicos.

Seguidores 2 340 228 | A seguir 0 | Publicações 5009

---

### ATUALIZAÇÕES

[Ver atualizações anteriores](#)

*14 out 2016*

Não esquecer que há t-shirts de *O Mar Monstruoso* em saldo esta semana! Temos a Amity e o Dallas, o Damien e os corvos mortos, e muitos monstros marinhos. Vão lá ver! [marmonstruoso.com/store](http://marmonstruoso.com/store)

*15 out 2016*

Bem, vocês devoraram as t-shirts! Há mais a caminho! (Além disso, não se esqueçam do próximo compêndio!)

*17 out 2016*

Acho mesmo que vocês vão gostar das páginas desta noite.

...



18 out 2016

| Hehehehehe eu disse que iam gostar. >:D

19 out 2016

| Sim, sim, eu sei, sou mesmo má.

19 out 2016

| Já que gostaram tanto das t-shirts, vão estar outra vez em saldo esta semana! Acabadinhas de estampar!

20 out 2016

| Mal posso esperar pelo Dias de Cão de hoje! Espero vê-los a todos no chat!





Quando lhe perguntavam como descreveria o que sentira no renascimento, a Amity só conseguia responder: «Doloroso». Uma criatura de energia pura arrastou-se para dentro dela e reorganizou-lhe a estrutura genética. Como mais poderia ter-se sentido? Mas as pessoas da Ilha Noturna eram persistentes e profundamente espirituais, e o Vigilante era um dos seus grandes guardiões, por isso, acabou por mudar a resposta para: «Esclarecedor».



**M**ais do que nunca, a escola parece um castigo. É que não me *importa*, pura e simplesmente. Coloque-me junto ao meu cacifo nesta bela manhã de outubro e fico a olhar para o corredor. Uma faixa de boas-vindas decora a boca do corredor, lembrando aos estudantes para comprarem bilhetes para o jogo de futebol americano desta sexta-feira à noite. Alguém colocou aquela faixa ali. Meu Deus, alguém *fez* aquela faixa. Alguém a pintou e tudo. Os estudantes passam por mim envergando roupa para este dia em particular da semana dedicada ao espírito de boas-vindas aos alunos, que por acaso é o dia dos hippies. Há montes de símbolos da paz e tecidos tingidos por toda a parte. Lá se vai o espírito escolar.

Eu mal consigo acabar os trabalhos de casa todas as noites; como é que alguém tem a força de vontade para se importar



desta forma? Os estudantes que mais se divertem, vestidos com os disfarces mais ridículos, são alunos do último ano, como eu. Como? Porquê? São perguntas legítimas: sinto-me como se alguém tivesse contado uma anedota e eu não tivesse apanhado a piada, e agora todos se rissem sem mim.

Estou junto ao meu cacifo com umas calças de ganga justas e uma camisola largueirona, a contar os minutos até ter de desistir e ir para a sala de estudo acompanhado. Um grupo de rapazes com fitas de cabelo tingidas e óculos com lentes cor-de-rosa reúne-se junto ao cacifo ao lado do meu; um deles abre-o com tanta força que me bate com a porta entre as omoplatas. O rapaz que abriu a porta começa por pedir desculpa, mas depois vê que sou eu e perde a voz num ronco mal disfarçado. Viro costas e ignoro-os até que eles se vão embora, quando um dos outros puxa o capuz para cima e começa a imitar uma criatura das cavernas, com as costas curvadas e as mãos esticadas como se fossem garras retorcidas. Os outros rapazes riem-se, como se já não estivessem no meu campo de visão. Puxo o meu próprio capuz sobre a cabeça com força.

Não compreendo este lugar, mas só preciso de lhe sobreviver por mais sete meses — sete meses até ao final do ano, até à universidade. E a universidade, como ouvi de várias fontes fidedignas no grupo de fãs de *Monstrous Sea*, é tão melhor que o secundário que chega a ser ridículo.

Quero estar lá. Quero estar no lugar onde a escola secundária seja uma anedota e não tenha de estar perto de pessoas com as quais não quero estar e ninguém se importe com o que visto, com a minha aparência ou com o que faço.

Quando os rapazes desaparecem na esquina e toda a atenção sai de cima de mim, viro-me de novo para o meu cacifo. No primeiro ano do secundário, decorei-o com ilustrações e arte de fãs de *Filhos de Hypnos*, a minha série de livros preferida. Tinha também alguns primeiros esboços de *O Mar Monstruoso* escondidos nos cantos, mas isso foi antes de *O Mar Monstruoso* passar a ser conhecido. Agora, o meu cacifo está vazio, à exceção das minhas coisas da escola. Atiro os meus livros de estatística e de história para dentro da mochila. Enfio o bloco de desenho debaixo do braço. Penduro a mochila nos ombros e guardo a minha dignidade bem guardada.

Para a sala de estudo!



— Eliza, preciso de ti por um instante. — A stora Grier tem o mau hábito de agarrar no primeiro aluno que lhe entra pela porta quando precisa de alguma coisa e, hoje, sou eu a plebeia infeliz que apanha com as suas mãozinhas contentes de professora. Faz-me um sorriso resplandecente, o retrato estampado da alegria, com o seu vestido amarelo sem mangas, desadequado para a estação, e brincos em forma de banana.

Retiro o braço da mão dela com cuidado, de forma a não parecer que não quero que me toque. Não desgosto da stora Grier. Na maioria dos dias, até gosto dela. Queria tê-la tido como professora de alguma coisa em vez de simples assistente da sala de estudo acompanhado, pois não me obriga a falar se eu não quiser e conta a nossa presença nas aulas como nota total da nossa participação.



— Hoje temos um aluno novo transferido de outra escola — diz ela, a sorrir, e dá um passo para o lado. Atrás dela está um rapaz um pouco mais alto do que eu, encorpado como um jogador de futebol americano, de calças de ganga e uma t-shirt da Escola Secundária de Westcliff. Não está cá nem há um dia e já sente o espírito da escola. O rapaz passa a mão pelo cabelo escuro e curto e olha para mim, sem uma expressão no rosto, como se não estivesse bem a ver-me. Sinto o estômago a revirar-se. Ele é exatamente o tipo de pessoa que eu tento evitar. Gosto de *ser* invisível, não de ter alguém que olhe para mim como se eu *devesse* ser.

— Este é o Wallace — anuncia a stora Grier. — Achei que podias dar-lhe umas dicas sobre a escola e ajudá-lo com o horário dele antes da reunião de turma.

Encolho os ombros. Não vou recusar. Um «não» costuma trazer mais problemas do que aqueles que resolve. A stora Grier sorri.

— Ótimo! Wallace, esta é a Eliza. Podes sentar-te ao lado dela.

O Wallace segue-me até ao meu lugar ao fundo da sala. Mexe-se devagar, senta-se devagar e olha em volta como se ainda estivesse a dormir. Volta a olhar para mim e, quando não digo nada, tira o telemóvel do bolso e começa a ver as mensagens.

Também não havia nada que quisesse dizer-lhe. A escola não é assim tão confusa, tenho a certeza de que ele será esperto o suficiente para descobrir isso sozinho.

Encolho as pernas na cadeira da secretária, pouso nelas o meu bloco de desenho para que ninguém possa espreitar lá para dentro e começo a trabalhar na próxima página de

*O Mar Monstruoso*. Esqueço o Wallace. Esqueço a stora Grier. Esqueço a escola inteira.

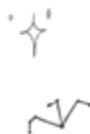
Fui.

Passo o dia como sempre: desaparecendo de forma tão eficaz que os professores nunca me veem, e resistindo à tentação de ver os fóruns de *O Mar Monstruoso* no meu telemóvel. Ouvi dizer que é muito mais fácil passar pela escola quando se tem amigos com quem falar, mas todos os meus amigos estão online. Costumava ter amigos offline. Ou, pelo menos, julgava ter. Quando era mais nova, tinha amigos na escola e na vizinhança, mas nunca bons amigos. Nunca daqueles que me convidassem para passar a noite em casa deles ou para ir ao cinema. Fui convidada para umas quantas festas de aniversário, mas às vezes penso que foi por a minha mãe ter chateado as outras mães. Era uma miúda esquisita nessa altura e continuo a ser esquisita. Só que, agora, nem eu nem nenhum dos meus colegas de turma estamos sob a ilusão de termos de interagir uns com os outros de uma forma mais do que superficial.

O pai gosta de dizer que é normal pensar que sou esquisita.

— Bom, Ovos, vais ter de confiar em mim quando te digo que isso é algo que os miúdos da tua idade pensam.

Talvez ele tenha razão. Tudo o que sei é que, no ano passado, a Casey Miller viu-me a andar atrás dela no corredor e chegou a soltar um guincho de medo antes de correr dali para fora aos saltinhos. Segundos depois, fez-me um pedido de desculpas parcialmente sentido, claro, mas aquilo passou-se num corredor cheio durante o intervalo — quem é que se assusta por ter outra aluna atrás? O que sei é que,





uma semana antes disso, entrei atrasada no pavilhão desportivo devido a dores menstruais bastante intensas e fiz com que a minha turma passasse dez minutos a subir as escadas a correr, o que me garantiu até ao dia de hoje o tipo de olhar que devia ser reservado a assassinos. O que sei é que, uns meses antes disso, o Manny Rodriguez desafiou alguns dos seus amigos da equipa de natação para me passarem à frente na fila do almoço, mas eles recusaram por terem medo que eu invocasse um demónio para os atacar.

É esse o tipo de pessoa que pareço ser? Alguém que pertence a um culto? Uma fanática religiosa? Sou assim tão estranha que podia ser a vilã da semana numa série policial do horário nobre da televisão?

Os meus pais perguntam-se porque é que não tenho mais amigos, e a razão é esta: porque não *quero* ser amiga destas pessoas. Até as mais simpáticas me acham esquisita; consigo vê-lo nos rostos delas quando são emparelhadas comigo em trabalhos de grupo. Sou a pessoa que se reza para que os professores não chamem para o grupo. Não por ser má aluna, ou porque os obrigue a fazer o trabalho todo, mas porque me visto como uma sem-abrigo e nunca falo. Quando era muito mais nova, era enternecedor. Agora é estranho.

Devia ter ultrapassado isto com a idade.

Devia querer ser sociável.

Devia desejar amigos que conseguisse ver com os meus olhos e tocar com as minhas mãos.

Mas não quero ser amiga de pessoas que já decidiram que sou demasiado esquisita para merecer viver. Talvez,

se soubessem quem sou e o que fiz, talvez então não me achassem tão esquisita. Talvez então o *esquisito* fosse apenas *excêntrico*. Mas a única pessoa que posso ser nesta escola é Eliza Mirk, e Eliza Mirk é apenas uma nota de rodapé na vida de qualquer outra pessoa. Incluindo a minha.



Quando toca para o sétimo tempo, tenho uma página inteira nova de *O Mar Monstruoso* pronta a colorir, mas a minha cabeça está na página em casa que ainda tenho de terminar. As páginas novas são publicadas às sextas-feiras à noite, sempre, como os programas de televisão ou os eventos desportivos. Os meus leitores gostam de consistência. Eu gosto de lhes proporcionar isso.

Atiro os livros de que não preciso de novo para dentro do cacifo e dirijo-me ao parque de estacionamento, mantendo-me junto das paredes e encolhendo-me até deixar praticamente de me sentir ali. A maioria das pessoas já está nos seus carros, entupindo o parque. Saio pela porta principal da escola, a vasculhar a mochila à procura das minhas chaves.

Aquele tal Wallace está sentado num dos bancos do passeio da frente, com o telemóvel numa mão e o ecrã ligado como se estivesse à espera de uma mensagem, uma caneta na outra mão para poder escrever no molho de folhas na capa que tem pousada no colo. Continua a parecer que está quase a dormir. Pode precisar de uma boleia para casa. Ou talvez seja apenas esperto e saiba que é melhor esperar que o parque de estacionamento fique vazio para tentar ir embora. Paro do lado de fora da porta e fico a olhar para ele



por um instante. Podia oferecer-lhe uma boleia, mas isso seria estranho. A Eliza Mirk não oferece boleias, e ninguém lhe pede boleia.

Quando ele começa a levantar a cabeça para olhar para cima, viro-me e apresso-me a chegar ao meu carro.





**Apocalypse\_Cow:** estás a trabalhar na próxima página agora?

**MirkerLurker:** Não, acabei uma mais cedo. Agora estou sentada no carro para ir ao jogo de futebol dos meus irmãos. Só tenho o meu bloco de desenho.

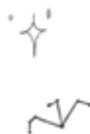
**emmersmacks:** Que chatice

**emmersmacks:** Ei, recebeste a encomenda que te mandei

**MirkerLurker:** Não! Mandaste mais uma? Não tinhas de fazer isso, Em!

**emmersmacks:** :DDD Adoro mandar-vos coisas!! Além disso, estas têm coisas boas lá dentro

**Apocalypse\_Cow:** quando é que não têm?



**Apocalypse\_Cow:** mais, onde está a MINHA encomenda???

**emmersmacks:** Oh, acalma-te, também vais receber uma, seu tonto

**emmersmacks:** E vais estar por aqui para ver os Dias de Cão em direto, certo

**MirkerLurker:** Dah. No dia em que perder os Dias de Cão como o meu próprio pé.

**Apocalypse\_Cow:** \*faz printscreen\*

**Apocalypse\_Cow:** que seja sabido neste dia que, se a eliza alguma vez falhar os Dias de Cão, irá comer o próprio pé.

**emmersmacks:** lam adorar isso no Masterminds

**emmersmacks:** Criadora de O Mar Monstruoso come o próprio pé por causa de uma novela para adolescentes

**Apocalypse\_Cow:** novela foleira para adolescentes.

**MirkerLurker:** Novela foleira para adolescentes? Sim. Altamente divertida? Também.

**emmersmacks:** Ámen

— Estás outra vez a trocar mensagens com o teu namorado? — O Sully encosta-se ao meu lado, pousando o queixo no meu ombro. Ao ouvi-lo, o Church afasta-se da janela do carro, do outro lado, e encosta-se também a mim. Bato com o telemóvel com o ecrã virado para baixo no bloco de desenho que tenho no colo.

— Para de ler por cima do meu ombro — atiro. — E não é o meu namorado. Eram só o Max e a Emmy.

— Ah, só o Max e a Emmy — diz o Sully, fazendo aspas com os dedos. — Pois sim. — O Church ri-se entre dentes e imita as aspas com os dedos um segundo depois.

— Comportem-se aí atrás — diz a nossa mãe do lugar do passageiro. O nosso pai faz um som de concordância.

Entramos no parque de estacionamento do pavilhão onde o Sully e o Church jogam futsal. A viagem de meia hora passou depressa graças ao Max e à Emmy, mas não volto a olhar para o telemóvel até os dois pesadelos ambulantes saírem do carro. Depois, sigo os nossos pais até ao edifício, com o nariz enfiado no telemóvel.

**Apocalypse\_Cow:** mas a sério, o dias de cão anda do pior

**emmersmacks:** Não está pior do que a segunda temporada quando a Heather ficou com o Ben

**Apocalypse\_Cow:** a heather ficou com o jason na segunda temporada, não com o ben

**emmersmacks:** Diz o tipo que não vê o Dias de Cão

**Apocalypse\_Cow:** ...

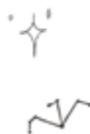
**emmersmacks:** Ah, como os poderosos caíram

Rio-me entre dentes. O meu pai olha para mim por cima do ombro.

— Qual é a piada, Ovos?

Desligo o telemóvel e volto a empurrá-lo contra o meu bloco. A irritação cai às pingas sobre o meu humor, como pequenas manchas escuras sobre a luz.

— Nada.



Até ter a certeza de que os meus pais não voltam a olhar para trás, mantenho o telemóvel virado para baixo e os meus olhos virados para cima. Este pavilhão mais parece um armazém do que outra coisa. Uma sala vazia com paredes amovíveis a fazer de divisórias entre os diferentes campos. Voleibol, basquetebol, ténis. O lugar é enorme. No centro há um campo de futebol emparedado com bancadas e tudo. Tiro uma foto e envio-a para o *chat*.

**MirkerLurker:** Este lugar é mesmo o inferno.

**emmersmacks:** A minha irmã para num desses pavilhões

**emmersmacks:** Dão-me vontade de tomar banho

**Apocalypse\_Cow:** isso é estranhamente específico, ems. lamento o teu azar, e.

**MirkerLurker:** Quando morrer aqui, enterrem-me com a minha arte.

**Apocalypse\_Cow:** serão cantadas canções. o potencial será chorado. alguém vai ter de notificar os fãs, claro. como administrador-chefe da segurança dos fóruns mm, aceito essa responsabilidade.

**emmersmacks:** Quando é que começaste a intitular-te Administrador-Chefe da Segurança

**emmersmacks:** Tudo o que fazes é banir os trolls

— Oh, Eliza, olha! — Sinto a mão da minha mãe roçar-me no ombro. Levanto o olhar e encontro-a a examinar um cartaz num quadro junto à entrada do pavilhão. O meu pai

e os rapazes já se dirigiram para o campo de futsal, onde as equipas fazem o aquecimento para o jogo. — Vão começar a ter lições de ténis em breve. Acho mesmo que ias adorar jogar ténis. É um jogo solitário e um ótimo exercício físico.

— Não — respondo, e volto para o meu telemóvel. Ela desiste de imediato.

Desenvolvemos este processo de forma gradual ao longo dos anos. Quando eu era mais nova e não tinha direito a voto na matéria, os meus pais inscreveram-me em tudo o que era desporto. Basebol infantil. Futebol. Basquetebol. Voleibol. Odiei todos porque não tinha — não tenho — coordenação nenhuma e não gostava — não gosto — de falar, por isso não jogava bem e os meus companheiros de equipa queriam-me fora. A primeira vez que disse ao meu pai que queria desistir do basebol, ele passou-se e não me falou durante uma semana. A minha mãe tentou persuadir-me a voltar.

Formaria o meu carácter. Ajudar-me-ia a fazer amigos. Seria um bom exercício físico.

Recusei. Depois desisti também de todos os outros desportos. Descartá-los foi como descartar uma armadura velha e pesada. O Church e o Sully adoravam desporto, por isso alguma da atenção foi desviada de mim, mas os nossos pais ainda tentaram. Se eu dissesse que não, eles continuavam a tentar. Eu continuava a dizer que não.

Agora chegámos àquele ponto em que eles sugerem algo e eu digo que não e não se fala mais do assunto.

Sigo a minha mãe até ao campo de futebol e empoleiro-me ao lado dela no banco mais próximo do campo. O meu pai está junto à linha com o bloco de treinador na mão,



a falar com um grupo de rapazes de 14 anos, ou menos, desengonçados e vestidos com equipamento azul-celeste. Tiro os lápis e a borracha do bolso e abro o bloco de desenho.

— Quem me dera que não levasses isso para todo o lado — diz a minha mãe. — Porque é que não podes simplesmente ver os teus irmãos a jogar?

Olho para ela, depois para o campo, depois de novo para o meu bloco. Não há resposta que possa dar-lhe que ela queira ouvir, por isso não lhe respondo de todo.

# «DESENHOU TANTOS MONSTROS QUE SE TORNOU ELA PRÓPRIA UM MONSTRO.»

**Eliza** é uma rapariga ansiosa, **estranha** e invisível. Mas ninguém sabe que online ela é LadyConstellation, a famosa criadora de *O Mar Monstruoso*, o webcomic mais popular do momento. É no mundo virtual que Eliza deixa os seus **demónios pessoais** tomarem a forma dos monstros que desenha. É ali que pode ser ela mesma.

A vida offline não lhe diz nada até conhecer **Wallace**, o mais famoso escritor de **fanfiction** do seu webcomic. Sem saberem a verdadeira identidade um do outro, começam lentamente a aproximar-se, unidos pelo mesmo **fandom**.

Pela primeira vez, Eliza sente que o **mundo real** pode valer a pena...

«As pessoas destroçadas não se escondem dos seus monstros. As pessoas destroçadas deixam-se ser devoradas.»



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)  
[boldreadspt](https://www.instagram.com/boldreadspt)  
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897875076



9 789897 875076 >

